

A ANIQUILAÇÃO DA ALMA NO “ESPELHO DAS ALMAS SIMPLES E NADIFICADAS” DE MARGUERITE PORETE

THE ANNIHILATION OF THE SOUL IN MARGUERITE PORETE’S
“THE MIRROR OF SIMPLE SOULS”

SARAH DOS SANTOS (*)



(*) **Sarah dos Santos.** É Mestranda em Filosofia na UNIFESP, onde também concluiu sua graduação. Atualmente é professora de Filosofia na rede privada de ensino. Membro do NUR – Núcleo de Pesquisas em Filosofia Islâmica, Judaica e Oriental da UNIFESP. Tem especial interesse em filosofia Medieval e Renascentista e mística.

Email: sarah.kadoshim@gmail.com

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar a ideia de *aniquilação da alma* na obra *O espelho das almas simples* da filósofa Marguerite Porete, tendo como centro a relação de amor entre Deus e o ser humano exposta a partir de uma perspectiva feminina. A sua obra representa um itinerário para a realização da união da alma com Deus decorrente do despojamento de si, isto é, a partir da apófase da alma. Todavia, Deus é exposto como agente desta aniquilação e união, o que nos leva a questionar a validade da participação do ser humano em sua jornada de aniquilação. Sabendo que Deus é o agente, qual é a função dos esforços humanos? O presente artigo pretende analisar a questão da aniquilação da alma e os argumentos expostos pela filósofa para preservar a validade das ações humanas ao mesmo tempo em que considera Deus o agente da aniquilação e da união.

Palavras-chave: Neoplatonismo; Marguerite Porete; Deus; apófase da alma; união.

Abstract: This article aims to present the idea of annihilation of the soul in the book *The Mirror of Simple Souls* by the philosopher Marguerite Porete, having as its center the love relation between God and the human being exposed from a feminine perspective. Her work represents an itinerary to the realization of the union of the soul with God due to the divestment of oneself, that is, resulting from the apophysis of the soul. However, God is exposed as the agent of this annihilation and union, which leads us to question the validity of the human being's participation in its journey of annihilation. Knowing that God is the agent, what is the role of human efforts? The present article intends to analyze the question of the annihilation of the soul and the arguments exposed by the philosopher to preserve the validity of human actions, while considering God as the agent of annihilation and union.

Key words: Neoplatonism; Marguerite Porete; God; Apophysis of the Soul; Union.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar o conceito de aniquilação da alma na obra da filósofa cristã Marguerite Porete e indiretamente lançar luz sobre a experiência mística¹ da alma com Deus, exposta n' *O espelho* a partir da perspectiva feminina.

Embora Marguerite Porete tenha exercido importante influência sobre as obras de filósofos renomados, como são os casos de Mestre Eckhart², Tauler e Ruysbroek, e isso já é bem atestado pelos estudiosos do tema³, o seu pensamento continua sendo pouco conhecido dos círculos acadêmicos. Em parte, isto se deve tanto ao silenciamento das mulheres em toda a história da filosofia (NOGUEIRA, 2013, p. 156), quanto a recente descoberta da autoria do *Mirouer*, feita pela pesquisadora italiana Romana Guarnieri⁴, em 1946, a partir da análise dos autos inquisitórios. Sua autoria por muito tempo ficou desconhecida, ainda que no período da sua condenação a obra tenha transposto os limites

¹ Em sua obra, Porete (2008, p.36) faz a distinção entre os conceitos *apreender* (*entendre*) e *compreender* (*connaistre*), o primeiro representando as operações conceituais da razão, enquanto o segundo corresponde ao conhecimento imediato decorrente da superação destas atividades do raciocínio. Sabendo disso, não é incorreto afirmar que a experiência mística pode ser definida por *conhecimento*, como Cavaleiro de Macedo indica “[...]o *mistério* implica necessariamente em algo que não é acessível aos sentidos, à razão ou diretamente às faculdades comuns, mas encerra em si um *conhecimento*. Dessa maneira, defendemos aqui que o termo *Mística* implica necessariamente na aquisição de conhecimento” (2006, p. 55).

Embora o termo *mística* tenha múltiplos significados dentro e fora do âmbito filosófico, o conceito exposto neste artigo também se refere a união sem barreiras do homem com Deus, como podemos observar: “Apesar de todo esse percurso, podemos dizer que o termo *mística*, por mais transformações e desgastes que tenha sofrido ao longo do tempo, ainda traz consigo a ideia que remete para o seu sentido etimológico, ou seja, *mística* deriva do verbo grego *mýō*, que significa fechar-se. Sem parecer forçado, podemos relacionar a noção de tal verbo à ideia de recolher-se. Ora, o místico é aquele que se recolhe e que neste recolhimento se despoja de tudo que pode constituir um empecilho no caminho de sua união com o divino” (NOGUEIRA, 2013, p.157)

² É feita a associação da concepção de regresso ao nada original, de Mestre Eckhart, com a ideia de união imediata com de Deus, de Porete, assim como há semelhança entre a ideia de *desprendimento* do filósofo com o conceito de *aniquilação* poretiano (Ver: NOGUEIRA, M, *Negação e aniquilação em Marguerite Porete e Mestre Eckhart*. Revista Princípios, 2015, p.24).

³ Ver: RASCHIETTI, M, *Meister Eckhart e Marguerite Porete: Dois caminhos de negação radical sob um mesmo traço distintivo*, Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis, Florianópolis: 2010

⁴ Romana Guarnieri foi uma pesquisadora medievalista italiana do século XX, responsável pela identificação da autoria d' *O espelho das almas simples* ao empreender uma pesquisa sobre o herético Movimento do Livre Espírito, publicando em 1946 a sua descoberta no Observatório Romano em seu artigo *Lo specchio delle an ime semplici e Margherita Porette*. Escreveu algumas obras, entre elas *Don Giuseppe De Luca tra cronaca e storia* e *Donne e chiesa tra mística e istituzioni*.

da França, enquanto a sua criadora permaneceu relegada ao esquecimento por longos anos⁵.

Graças à pesquisa de Romana Guarnieri, sabemos algo sobre quem foi a filósofa. Nascida no século XIII, por volta de 1250, na cidade de Valenciennes ⁶, Marguerite Porete pertencia à comunidade béguine, tendo escrito apenas um livro de teor místico e neoplatônico, *O espelho das almas simples*, que, por sua vez, foi condenado e proibido pela Igreja, sendo queimado em praça pública junto com a sua autora, acusada de heresia.

O pensamento de Marguerite Porete se destaca entre as produções filosóficas de seu tempo não apenas pelas alegações em seu livro que acarretaram a sua condenação. A literatura cortês é retomada na obra, contudo é feita uma subversão de gênero, apresentando a relação amante-amado a partir de um novo panorama: não é mais a voz masculina que se exprime através da figura do cavaleiro em busca da sua amada, é a *feminina* personagem Alma que busca o despojamento de si para assim se unir a Deus. Sem recorrer ao *topos* da fraqueza feminina, Marguerite Porete não expõe como um *apesar* o fato de a obra ser escrita por uma mulher, e neste sentido se diferencia das demais filósofas medievais:

A maioria das mulheres medievais, inclusive valorosas almas como Hildegarda de Bingen e Matilde de Magdeburgo (não Hadewijch, porém), faz uso do tópico da fraqueza feminina – Deus escolhe os fracos (as mulheres) do mundo para confundir os fortes (os homens). Margarida Porete nunca pede desculpa por ser mulher”. (McGINN, 2017, p. 367).

1. AS MULHERES SEMI-LAICAS, O NASCIMENTO DA COMUNIDADE BÉGUINE.

No século XIII, a Europa viveu considerável desenvolvimento urbano e comercial, com crescente alfabetização de leigos, inclusive de mulheres, e aumento das produções literárias de cunho filosófico-espiritual em língua vernácula. A experiência espiritual com Deus passa a ser divulgada e ganha aspecto democratizante, ultrapassando as fronteiras da hierarquia eclesiástica, como McGinn indica:

Essa ênfase começou a mudar no início do século XIII, quando assistimos aos primeiros impulsos de um processo de democratização e secularização que haveria de crescer nos

⁵ *O espelho das almas simples* teve relevância para outras mulheres místicas em épocas diversas, ainda que não tivessem conhecimento de sua autoria, como foi o caso de Simone Weil (Ver: VANNINI, M, *A experiência do espírito vai muito além das distinções espaço-temporais e de gênero*, 2012, p. 9)

⁶ Localizada entre a França e a Bélgica

cinco séculos seguintes. Por democratização entendo uma convicção de que era praticamente possível, e não apenas teoricamente, para todos os cristãos, não só os *religiosi*, gozar da imediata consciência da presença de Deus (2017, p. 31).

Diferente da mística monástica, que enfatiza o abandono da vida terrena, os novos movimentos espirituais passam a ter certo caráter secular, ao buscarem a experiência com Deus no cotidiano das cidades.

Os séculos XII e XIII são marcados pelo crescente interesse da população por uma vida apostólica, isto é, por uma vida religiosa de obras e simplicidade, principalmente entre as mulheres, que passaram a superlotar os conventos das principais ordens cristãs. Conseqüentemente, as ordens já oficializadas se limitaram a receber apenas mulheres ricas, que garantiriam a manutenção segura dos conventos, enquanto as mulheres sem condições materiais tinham seu ingresso impedido.

As *béguines* surgem de maneira espontânea a partir do século XII nas regiões renanas e nos Países Baixos, oriundas da efervescência religiosa entre leigos e da interdição da população feminina nas ordens já existentes. É somente a partir do século XIII que passam a se organizar nos centros urbanos, em casas agrupadas conhecidas como *béguinages*; tinham associações com os cistercienses, posteriormente passaram a estreitar laços com os franciscanos e, principalmente, com os dominicanos. Segundo Verdeyen (1986, p. 73), embora estabelecessem relações com ordens mendicantes, o movimento *béguine* era de caráter semi-laico, não pronunciavam votos de religião e nem seguiam as regras aprovadas pela Igreja.

No fim do século XIII, a ampliação das *béguinages* é percebida como uma ameaça para a ordem pública; de fato, as *béguines* competem com os clérigos cuidando dos doentes e auxiliando os moribundos e ensinando, competem com os artesãos no mercado de mão-de-obra, elas afirmam o gozo livre de Deus [...] (COURCELLES, 2013, p. 78)

Concomitante ao crescimento dos movimentos de cunho apostólico – que contestavam a opulência e corrupção clerical - há a intensificação do controle da Igreja sobre a vida espiritual da população. Em 1215, a partir do IV Concílio de Latrão, passa a ser proibida a criação de novas ordens religiosas (MCGINN, 2017, p. 21) e é solicitado

que os bispos franceses instalassem tribunais nos lugares com maiores índices de heresia, na sua maior parte nas cidades, estimulando a denúncia⁷.

Apesar do controle recrudescido da Igreja, a comunidade béguine era tolerada, não obstante a atuação dessas mulheres incomodar as autoridades religiosas locais. Isso é atestado pelo tratado *Scandalis Ecclesiae* destinado ao Concílio de Lyon de 1274, onde critica a interpretação das Escrituras e o uso da língua vernácula feitos pelas béguines.

A desconfiança da Igreja em relação a essas mulheres tem seu apogeu após a condenação de Marguerite Porete, observada na publicação da bula *Ad nostrum*, que vinculava as béguines ao movimento do Livre Espírito. Segundo Leclercq (1961, apud MARIANI, 2008, p. 42-45), nesse documento, os decretos contra as béguines e begardos tinham como referência a obra *O espelho das almas simples*. Além de ser referência para condenação de todo o movimento béguine, a obra de Marguerite Porete serviu como fonte para caracterização do movimento herético Irmãos do Espírito Livre (SCHWARTZ, 2005, p. 38).

2. A CONDENAÇÃO DE MARGUERITE PORETE

Ainda que a condenação de Marguerite Porete e da sua obra tenha decorrido das alegações sobre o Santo Sacramento do altar e sobre a alma aniquilada estar livre das obras e virtudes, a sua atuação no cuidado de doentes e na alfabetização de pobres - contra a permissão da Igreja - deixou-a mais exposta ainda ante o poder eclesiástico:

[...]declarando abertamente sua indiferença face ao sistema teológico em vigor e face às autoridades religiosas, é evidentemente uma presa sonhada. Recusando se calar e se conformar à teologia patriarcal, ela pode ser designada como um perigo que é preciso eliminar” (COURCELLES, 2013, p. 84).

Ademais, a criação de um itinerário místico escrito em vernáculo, apresentando a possibilidade de uma busca solitária e pessoal de aniquilação da alma e união com Deus sem mediações enfraquece a importância da hierarquia clerical na vida espiritual dos homens, como indica Courcelles (2013, p. 79): “Porém, a aniquilação da alma,

⁷ Falbel estabelece relação entre o aumento de casos de heresias com o Renascimento cultural e urbano no século XII, contexto que propiciou “confrarias, corporações, enfim uma nova situação social. Há uma tendência claramente comunitária, agrupante na nova sociedade medieval” (1976, p. 19).

preconizada por Marguerite Porete, desemboca de fato numa liberdade incondicional e pacífica, desembaraçada de todo respeito da hierarquia tanto clerical quanto feudal”.

Em 1306, o *Miroir* é condenado pelo bispo de Combrai, Guy de Colmieu, que queima o livro na praça de Valenciennes diante da sua autora, sob a ameaça de excomunhão em caso de difusão das suas convicções. Intimidação que não deteve a disseminação das ideias e obras da filósofa, que enviou o seu livro a três autoridades que o aprovaram: o franciscano John di Querayn, o cisterciense dom Franco e o escolástico Goffredo da Fontaines, proeminente filósofo de Paris. Em 1308, Marguerite é detida por Philippe de Marigny, sucessor do bispo Guy de Colmieu, sendo excomungada e levada a Paris, onde foi encarcerada por um ano e meio no convento dominicano de Saint-Jacques, antes do julgamento, sob a acusação de propagar heresias às pessoas mais simples e de enviar seu livro ao bispo Châlons sur Marne (MARIANI, 2008, p. 49).

Durante esse período, diversas vezes lhe foi solicitado que comparecesse diante do inquisidor para fazer juramento e responder seu inquérito, tendo como contrapartida a sua absolvição, pedidos aos quais a filósofa obstinadamente se recusou (VERDEYEN, 1986, p.60). Em abril de 1309, o inquisidor Guillaume de Paris reúne vinte e um mestres em teologia para julgar o livro de Marguerite Porete que supostamente teria quinze artigos suspeitos. O processo verbal menciona apenas o primeiro e o décimo quinto artigo, que Colledge e Guarnieri os identificam com os capítulos seis e quinze de *O espelho* (1968, apud VERDEYEN, 1986, p. 50-52), que versam respectivamente sobre a alma aniquilada abandonar as virtudes e sobre o Santo Sacramento do Altar. Não é possível saber se o livro foi inteiramente analisado ou se foram julgados isoladamente apenas os quinze artigos de maneira descontextualizada. Após os textos da filósofa serem submetidos ao exame, o livro foi considerado herético por unanimidade.

Em 1310, são convocados onze dos teólogos que participaram da condenação do livro no ano anterior, entre eles cinco professores de direito para dar sequência ao processo de Marguerite Porete. A filósofa é então levada ao poder secular e queimada viva junto com seu livro na praça de Grève em Paris “O julgamento, a condenação e execução de Margarida devem ser vistos como um momento crítico na história da mística cristã, equivalente à execução de Al-Hallaj na história das tradições místicas islâmicas” (MCGINN, 2017, p. 363).

3. A OBRA *O ESPELHO DAS ALMAS SIMPLES*

Em forma de prosa e poesia, o *Miroir* apresenta um roteiro constituído de sete estados que a alma precisa experienciar antes de se unir a Deus, contendo neste caminho três mortes que permitem a alma se alçar num patamar mais elevado, configurando o movimento de despojamento da alma da sua multiplicidade em direção à unidade. Ao escrever os estágios que a alma deve percorrer, Porete segue a tradição mística cristã presente entre os séculos XII e XIII, não sendo incomum, portanto, entre os místicos medievais a composição de obras de caráter iniciático, que tinham como núcleo a união da alma com Deus (VELASCO, 2003, p. 80).

Mais do que por interesse teórico, a filósofa apresenta estes estágios para divulgar a possibilidade da experiência plena do ser humano com Deus, daí o uso da língua vernácula e não do latim, língua oficial da Igreja, “Deste modo, o que se poderia denominar de uma força de transgressão se transforma em força de uma paixão por Deus” (NOGUEIRA, 2013, p. 161)

Composto por diálogos entre as personagens Amor (*Minnie*), Alma e Razão⁸, o itinerário místico se desenvolve a partir da reapropriação da tradição cortês para apresentar relação amorosa da alma com Deus. O *éthos* cortês de devoção e anseio do amante pela amada, assim como a distância entre eles estão presentes no texto poretiano. No entanto, ao passo que a literatura cortês apresenta a figura do cavaleiro medieval⁹ como o amante que busca conquistar sua *domna*, Marguerite Porete subverte os gêneros em sua obra. O amante é substituído pela personagem (feminina) Alma e Deus é exposto ora numa linguagem masculina, *LoinPrès*, ora numa linguagem feminina, Dama Amor.

A perspectiva feminina da experiência mística ganha expressão ao ser substituída a figura cavalheiresca pela Alma, enquanto a subversão de gênero de Deus busca enfatizar a impossibilidade de exprimir a união mística por meio de representações, apresentando o Divino acima dos limites da linguagem:

⁸ Outras personagens de menor importância são apresentadas, contudo o livro se fundamenta no diálogo entre as três personagens principais mencionadas acima.

⁹ Por vezes, na literatura cortês o amante é representado pela figura do servo ou do trovador.

Porete e Ibn'Arabī fazem descrições contraditórias de gênero em relação a Deus, descrevendo-o como masculino e feminino, o que força o colapso da linguagem de gênero enquanto tal, pois se ele é descrito de ambas as maneiras, não pode ser nem masculino, nem feminino. Ao atribuir a Deus atributos incompatíveis, eles reforçam a transcendência divina sobre toda linguagem” (SCHWARTZ, 2005, p. 179)

O uso do termo *LoinPrès* (LongePerto) evidencia o paradoxo da relação do ser humano com o Divino, que embora pareça distante, na verdade está presente na alma humana, sendo o seu sustentáculo. Reunindo em si dois adjetivos sem um substantivo, o termo evidencia também que Deus não é uma coisa e que mantém um caráter relacional com a alma (SCHWARTZ, 2005, p. 179).

Conquanto retome a literatura cortês para ilustrar a relação amante-amado, o *Miroir* se distancia de algumas características típicas dessa tradição, como o amor frustrado do amante diante da sua amada, sempre distante e inacessível. Porete revela a possibilidade de consumação amorosa da alma em Deus: “[...]tal Alma está tão inflamada na fornalha do fogo do Amor, que se tornou propriamente o fogo, razão pela qual não sente nenhum fogo. Pois ela é fogo em si pelo poder do Amor” (PORETE, 2008, p. 70).

4. O ITINERÁRIO DA ALMA E A ANIQUILAÇÃO

Embora Marguerite Porete tenha como referência direta os escritos de Pseudo-Dionísio¹⁰ e de Agostinho¹¹, direta e indiretamente, a tradição neoplatônica cristã se fundamenta em textos de Plotino e de Porfírio. De acordo com o pensamento dos filósofos neoplatônicos não cristãos, a partir do Uno procederia o Intelecto (*Noûs*), e deste a Alma universal¹², isto é, o Uno não possui vontade e as emanações subsequentes procedem dele por necessidade, do mais simples ao extremo múltiplo. Por sua vez, o movimento de conversão (*epistrophé*) constitui uma “parada” da processão (*proodos*), visando um

¹⁰ Que pode ser considerado, de certo modo o “pai” da mística cristã, uma vez que foi o primeiro autor a utilizar o termo mística no sentido que adquiriu no cristianismo. (Ver: CARVALHO, *prólogo, Teologia Mística*, 1996, p. 78.).

¹¹ Além de tais referências filosóficas, não podem ser ignoradas as influências dos pensadores medievais Bernardo de Claraval e Guilherme de Saint-Thierry

¹² De acordo com o pensamento plotiniano, as almas particulares são provenientes da Alma universal e possuem natureza dupla: ao mesmo tempo que participam do Divino também estão associadas as atividades corporais e sensíveis (ver: BEZERRA, C, *Compreender Plotino e Proclo*, 2006, p. 85).

retorno ao Uno (ABRÃO, 1999, p. 90), que ocorre do múltiplo ao simples em direção ao Uno.

Apesar de ter sido fonte fundamental para os filósofos cristãos neoplatônicos, o neoplatonismo apresenta alguns entraves para o cristianismo. Ora, se os mundos procedessem de Deus por transbordamento e necessidade, Deus seria privado de vontade e onipotência. Logo, Ele seria imperfeito, o que entraria em contradição com as Escrituras. De acordo com o pensamento cristão, se as Escrituras correspondem a palavra de Deus, não pode haver nelas engano; diante deste empasse, fé e filosofia são compatibilizadas. Ou seja, segundo a tradição cristã neoplatônica, as ações Divinas não estariam submetidas à necessidade, afinal, o Deus destes filósofos é o Deus das Escrituras, com o qual os homens podem estabelecer relação, o qual exerce sua vontade no mundo. Marguerite Porete se fundamenta nesta tradição, compreendendo também que Deus é imanente, mas que igualmente possui caráter inefável, transcendente¹³. Assim, o Deus exposto n’*O espelho das almas simples* não é o Uno desprovido de vontade e sim um Deus que atua na vida dos seres humanos.

A partir da análise da relação entre Deus e o homem na obra da filósofa, podemos questionar que, sendo possível o movimento de retorno a Deus (*epistrophé*), a união mística decorreria dos esforços humanos ou da vontade Divina? Em sua obra, a filósofa afirma ser Deus o agente da aniquilação da alma e da união mística. Sendo assim, qual seria o papel reservado à ação humana? A atuação de Deus no processo de aniquilação coloca em dúvida a validade dos esforços humanos?

Antes de abordarmos a trajetória da alma em direção a Deus, é de suma importância distinguirmos as variações do termo *alma* no texto poretiano, que acontecem de acordo com os estágios percorridos por uma das personagens principais dos diálogos, a Alma. A filósofa faz distinção entre as almas nobres das almas vilãs (PORETE, 2008, p. 129), as primeiras são as almas aniquiladas no quinto estado do percurso, enquanto as almas vilãs são divididas em dois tipos: as almas que pereceram e os espíritos tristes.

¹³ Podemos associar a ideia poretiana de um Deus imanente e transcendente com o pensamento de Dionísio “mas quando fazemos afirmações ou negações das realidades que vêm na sua sequência a ela nada atribuímos ou negamos, pois que a causa, soberana e unitiva, de todas as coisas, está acima de toda a afirmação e acima de toda a negação, identificando-se na sublimidade d’ Aquele que, simplesmente liberto de tudo, está além do universo das coisas” (1996, p. 25)

Quando as almas que pereceram são apresentadas, o termo *alma* obedece ao sentido filosófico neoplatônico, isto é, significando a parcela do ser humano que anima o seu corpo que, segundo Marguerite Porete, ainda não viveu a primeira morte (morte do pecado). O emprego do termo *espírito* representa a parcela humana superior a alma, que n’*O espelho das almas simples* corresponde àqueles que já passaram pela primeira morte, isto é, se sujeitaram às leis divinas, mas que ainda possuem vontade. Ao expor a alma aniquilada (a alma nobre), é utilizado o termo *alma* devido à incapacidade da Razão – com a qual Dama Amor e a Alma dialogam- em compreender a inefabilidade divina, que está para além das operações racionais. Ou seja, a utilização do termo *alma* para se referir a alma aniquilada visa atender a uma deficiência do entendimento da Razão¹⁴, pois os verdadeiros nomes são ocultos àqueles que não atingiram o patamar das almas aniquiladas e, assim, nada entenderiam sobre eles.

Distinguindo os múltiplos significados do termo *alma* em *O espelho*, a filósofa apresenta a jornada constituída por três mortes da alma, que culminam na união com Deus: a morte do pecado, que decorre da obediência às leis divinas, principalmente amar a Deus acima de todas as coisas e amar ao próximo como a si mesmo, vivendo sob o imperativo da razão e das virtudes. A morte da natureza¹⁵, quando a alma a mortifica sob o imperativo das virtudes, desprezando honras, bens, etc., mesmo que internamente estas ainda lhe despertem desejo. Por fim, a morte do espírito, que corresponde ao quinto estado da alma, quando ocorre a radicalização do despojamento da vontade própria para ceder a vontade divina.

¹⁴ O entendimento proveniente da razão é aquele mediado por operações lógicas e conceituais, impossibilitado de compreender o ilimitado, atemporal e não conceitual, daí a importância de a razão ser suplantada, como podemos observar “*Et que Amour et Foy ensement/Vous facent surmonter Raison/ Qui dames sont de la maison*” (ver: PORETE, **Le Mirouer des Simples Ame**, ed. Romana Guarnieri & Paul Verdeyen, 1986, p. 8). Assim, devida a deficiência da razão mencionada acima, o termo *alma* foi mantido designando tanto a alma em sua natureza mais distante do Uno, quanto a parcela divina no ser humano “E como entendemos o sentido oculto de qualquer coisa por meio da categoria, seremos ajudados por isso, e assim prosseguiremos; mas seu nome correto é perfeitamente nobre. Ela tem o nome de “pura”, “celestial”, e “esposa da paz”. Pois ela habita o fundo do vale, de onde vê o cume da montanha e de onde também vê a montanha a partir do cume” (PORETE, 2008, p. 131-132)

¹⁵ Para Marguerite Porete, o corpo não é bom nem mal, isto é, possui neutralidade moral, por este motivo recusa a aplicação de aflições corporais no processo de união com Deus, como indica Schwartz “Ela claramente ignora e desenfatura o papel do corpo e das práticas corporais no movimento de aniquilação, pois estabelece a neutralidade moral da corporeidade. Porete rejeita os caminhos do sofrimento do corpo e da alma. Em contrapartida, exige a renúncia de tudo que é criatural. Só assim é possível para a alma superar o sofrimento causado pela aparente ausência de Deus – por meio da aniquilação que torna a presença divina aparente.” (2005, p. 114). O despojamento das coisas criaturais no texto poreciano é movimento de abandono de um *eu* ilusório que impede o conhecimento da verdadeira natureza da alma, que é Divina.

As três mortes são indissociáveis dos sete estados da alma, pois estas mortes nada mais são do que premissas para a alma atingir um estágio mais elevado e próximo da Divindade. O primeiro estado da alma corresponde à primeira morte, isto é, a alma deve obedecer estritamente às leis divinas, que concernem à relação humana com Deus e com a sua comunidade. O segundo estado corresponde à segunda morte da alma, ou seja, além da observância às normas divinas, neste estado a alma *imita* as obras de Cristo, fazendo contra a sua própria natureza. No terceiro estado, a Alma¹⁶ passa a realizar obras *impelida pelo amor*:

As obras que realiza têm o seu significado numa forma de inteligência fundada e orientada pelo amor, pela intuição unitiva que nos permite valorizar e compreender a realidade externa e as nossas ações e decisões numa perspectiva não mediada por concepções aprendidas ou preconceitos culturais.” (ALANIZ, 2019, p.22)

Contudo, para a alma atingir o estado de união, suas obras deverão ser sacrificadas, assim como qualquer mediação entre ela e Deus. No quarto estado, a alma é absorvida pelo amor em seu pensamento durante seu estado meditativo, nesse estado ela abandona todas as suas obras exteriores, saindo do domínio das virtudes e da razão: “A alma abandona as virtudes, as obras virtuosas, e se despe delas, deixando o peso da moralidade e da boa vontade, já que na alma essa nudez começa a se desenvolver pelo abandono de toda intencionalidade” (ALANIZ, 2019, p. 24). O quinto estado decorre da terceira morte, a morte do espírito, neste estágio a vontade da alma é aniquilada, sendo destituída até mesmo da sua vontade de união com o Divino, pois entende que ela não é ao compreender Deus em si, e, portanto, nada pode querer.

A dinâmica observada n’*O espelho* tem aspecto ascensional, contudo entre o quarto e quinto estado ocorre uma queda. Enquanto no quarto estado a alma fica absorta no amor, acreditando ter chegado no fim da sua jornada, por intervenção Divina ela é despida de sua vontade e lançada no abismo do nada de si, no quinto estado. Ao aniquilar a vontade da alma, Deus recobra nela a sua parcela não criatural, ao desnudá-la de sua multiplicidade, atirando a alma para o fundo de si onde existia virtualmente com a Deidade: “Esse uno se tem quando a Alma é recolocada naquela Deidade simples, que é

¹⁶ Embora durante os sete estados Porete mantenha o termo *alma*, vemos a inserção de novos termos referentes a outras parcelas humanas de acordo com o estado em que ela está, como por exemplo a inserção do termo *espírito* a partir da segunda morte.

um Ser simples de fruição transbordante, na plenitude do saber sem sentimento, acima do pensamento” (PORETE, 2008, p. 227).

No sexto estado, quando a alma já está liberada de si, ela experimenta Deus sem nenhuma mediação, experiência que no texto é apresentada como *centelha divina*, devida a sua brevidade. Neste estado, Deus enxerga a si mesmo na alma, já que a alma nesta etapa foi completamente aniquilada, restando apenas o seu sustentáculo, o Divino, que é sustentáculo de todo o Real. O sétimo estado é o da alma glorificada, que só ocorre na vida após a morte, por conta disso, este estágio é pouco discutido n’*O espelho*.

CONCLUSÃO

Se os esforços humanos não possuíssem validade no processo de aniquilação, por que então a filósofa escreve um roteiro indicando etapas, sabendo que a vontade de Deus destituiria o valor das ações humanas? Podemos concluir que as obras humanas possuem validade no trajeto de despojamento da alma, que corresponderiam a um “mover-se” rumo a Deus e, por amor, Deus recobra no homem a sua parcela não criatural. As mortes e etapas correspondem a trajetória da alma em direção a simplicidade, sendo destituída de si mesma pela Graça Divina. É só a partir do despojamento do ‘eu’ não verdadeiro que a presença divina se manifesta como seu sustentáculo e Ser.

Podemos notar a presença do pensamento agostiniano¹⁷ na obra da filósofa, em sua concepção de despojamento das coisas terrenas e da autorreferência da alma, como aponta Mariani (2008, p.128). Este “eu” ilusório corresponderia ao ser humano tendo como referência de si o mundo exterior, com as suas honras e desonras, posses e paixões, o que geraria o esquecimento de si em sua essência e verdade. Daí a necessidade de um movimento de introspecção, indicado por Agostinho, este conhecer a si, que em Porete observamos na sua ideia de aniquilação, “Que a alma conheça, portanto, a si mesma, e não se busque como se estivesse ausente, mas fixe em si mesma a intenção da vontade que vagueia por outras coisas e pense em si mesma” (AGOSTINHO, 1994, apud, MARIANI, 2008, p. 129).

¹⁷ Acerca de outras associações de Marguerite Porete com o pensamento de Santo Agostinho, ver: COSTA, M, COSTA, R, *Mulheres intelectuais na Idade Média*, 2019, p. 156

Segundo o pensamento poretiano, ainda que o ser humano busque se desatrelar da sua parcela criatural, é Deus o agente da aniquilação, que destitui de maneira completa a autorreferência da alma, que pelo Divino é invadida “No quinto estado se dá a mudança mais essencial, que corresponde à terceira morte[...]A Alma vem agora ‘raptada’ pela luz divina e toma consciência de que Deus é e que ela não é” (TEIXEIRA, *Prólogo*, 2008, p. 24). Tal aniquilação leva à experiência imediata com Deus, quando as operações da razão são suplantadas, quando não há mais intermediários e o conhecimento passa a coincidir com a própria experiência de união com a deidade.

Assim, o título da obra sintetiza o problema exposto neste artigo: a filósofa recorre à imagem do *espelho* para apresentar a relação entre o ser humano e Deus, aniquilação e união mística. Os estágios e mortes descritos na obra correspondem ao percurso da alma em direção a sua simplicidade (polimento do espelho), em que o Uno (Deus) se enxergaria nela.

“Marguerite Porete, por meio da aniquilação, concebe a possibilidade de transgredir o espelho para alcançar uma contemplação direta de Deus, uma visão face a face, que o texto chama de olhar simples” (SCHWARTZ, 2005, p. 138). A ideia geral de *espelho* entre os teólogos medievais correspondia a uma visão indireta de Deus, sendo impossível homem compreender Deus em sua eternidade, atemporalidade e não espacialidade, pois as faculdades humanas são limitadas para compreender o ilimitado. Porete se diferencia destes teólogos ao apresentar a possibilidade de contato direto com Deus através da aniquilação da alma. Pois a alma, espelho de Deus, a partir das mortes subsequentes -morte do pecado, natureza e espírito- foi despojada de si mesma, incluindo as operações da razão. Ou seja, ao ser aniquilada a parcela criatural, resta somente o Divino em si. A partir de então, o que ocorre é o divino contemplando a si mesmo, pois a alma chegou ao total estado de não ser para dar lugar ao Ser. Logo, há a coincidência entre contemplador e contemplado, por isso vemos o duplo sentido de que o espelho é a alma em seu aspecto não criatural e ao mesmo tempo é Deus que vê a si mesmo¹⁸.

¹⁸ Ao serem retomadas as figuras da Amante e da Amada presentes em *O espelho...*, a divisão entre elas torna-se ilusória no fim do percurso da alma. Pois se num primeiro momento Deus é o Amado (*LoinPrès*) da alma, o qual ela busca com paixão, a alma também é a Amada de Deus, a qual Ele a aniquila e promove a união, existindo, portanto, só o Amor.

REFERÊNCIAS:

OBRA DA AUTORA E TRADUÇÃO:

PORETE, Marguerite, *Le Mirouer des simples âmes anéanties*. Romana Guarnieri & Paul Verdeyen (eds), *Corpus Christianorum, Continuatio Medievalis* LXIX. Turnholt: Brepols, 1986

PORETE, Marguerite, *O espelho das almas simples*, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

BIBLIOGRAFIA GERAL

ABRÃO, Bernadette. *História da Filosofia*, São Paulo: Nova cultural, col. Os pensadores, 1999.

AGOSTINHO. *A trindade*, São Paulo: Paulus, 1994.

ALANIZ, Nicolas Moreira. *La obra de Margarita Porete y el movimiento beguinal*. Revista Brasileira de Filosofia da Religião, Brasília, v. 6, n. 2, 2019

BEZERRA, Cícero. *Compreender Plotino e Proclo*, Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

CAVALEIRO DE MACEDO, Cecília. *Metafísica, mística e linguagem na obra de Schlomo Ibn Gabirol (Avicebron)*, São Paulo: 2006.

COSTA, Marcos, COSTA, Rafael. *Mulheres intelectuais na Idade Média*, Porto Alegre: Fi, 2019.

COURCELLES, Dominique. “Marguerite Porete, une mystique de feu”, *Revue Lumière & vie*, n.297, 2013.

DIONÍSIO, O Pseudo Areopagita. *Teologia Mística*, Porto: Fundação Eng. Antônio de Almeida, 1996.

FALBEL, Nachman,. *As Heresias dos séculos XII e XIII*, São Paulo: Perspectiva, 1976.

LECLERCQ, J. e Outros. *La spiritualité du Moyen Age*. Paris, Aubier, 1961.

MARIANI, Ceci. *Marguerite Porete, teóloga do século XIII*, São Paulo: 2008.

MCGINN, Bernard. *O florescimento da mística*, São Paulo: Paulus, 2017

NOGUEIRA, Maria. *A escrita feminina medieval: mística, paixão e transgressão*, Paraíba: Projeto PIBIC/UEPB, 2013

NOGUEIRA, Maria. “Negação e aniquilação em Marguerite Porete e Mestre Eckhart”. *Revista Princípios*, n. 37, 2015

RASCHIETTI, Matteo. “Meister Eckhart e Marguerite Porete: Dois caminhos de negação radical sob um mesmo traço distintivo”, *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, Florianópolis: 2010

SCHWARTZ, Silvia. *A béguine e Al-Shaykh*, Juiz de Fora: 2005.

VANNINI, Marco. “A experiência do espírito vai muito além das distinções espaço-temporais e de gênero”. *IHU ONLINE* - Revista Eletrônica do Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, ano XI, edição 385, 2012

VELASCO, Juan. *Doze místicos cristãos, experiência de fé e oração*, Petrópolis: Vozes, 2003.

VERDEYEN, S.J. Paul. Le procès d’inquisition contre Marguerite Porete et Guiard de Cressonessart (1309-1310). *Revue d’histoire ecclésiastique*, 81, 1986, p.45-94